

Entrevista com Riachão: “Eu acredito, e digo a você que eu nasci, parece que eu nasci cantando, eu tenho a impressão que eu nasci cantando”

Interview with Riachão: “I believe, and I tell you that I was born, it seems that I was born singing, I have the impression that I was born singing”

João Evangelista do Nascimento Neto*

Universidade do Estado da Bahia
/Universidade Estadual de Feira de Santana

Lise Mary Arruda Dourado**

Universidade do Estado da Bahia

Jacson Sandro Paim Barbosa***

Universidade Católica do Salvador

*Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), Doutor em Letras (PUCRS), é professor Titular da área de Literatura do DCH V – UNEB, em Santo Antônio de Jesus-BA. Atua na Graduação em Letras, Língua Espanhola e Literaturas (UNEB), no Mestrado Profissional em Letras (UNEB) e no Mestrado em Estudos Literários (UEFS). E-mail: netoevangelista@uol.com.br

**Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atua no curso de Letras, DCH I, lecionando nas áreas de Linguística e Estágio Supervisionado. Mestre em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Pós-doutorado em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). E-mail: lisearruda@gmail.com

***Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Licenciado e Bacharel em História (UCSAL) e Gastrônomo (UNIFACS), atua como professor de História na Educação Básica e de Educação de Jovens e Adultos. E-mail: jackbahia@yahoo.com.br

NASCIMENTO NETO, João Evangelista do; DOURADO, Lise Mary Arruda; BARBOSA, Jacson Sandro Paim. Entrevista com Riachão: “Eu acredito, e digo a você que eu nasci, parece que eu nasci cantando, eu tenho a impressão que eu nasci cantando. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 11, v. 1, p. 78-84, 2020.

Era um fim de tarde de junho, especificamente, 21 de junho de 2017. O Bairro do Garcia seguia em seu cotidiano: pessoas transitando, carros passando, música ao fundo. A casa modesta, à minha frente e à de Lise, é a morada de Clementino Rodrigues, mais conhecido como Riachão. A porta se abre e Jacson, sobrinho do autor/cantor, vem nos receber.

Riachão já está na sala, com seu sorriso aberto e todo apurado, como sempre se apresentava em público: calça alinhada, boina, lenço no pescoço. De riso farto e coração aberto, nos recepciona e o convite pra chegar-se ao sofá é prontamente atendido por todos nós. Respiro fundo, mas continuo com os olhos de admiração. A entrevista, ou seria mais prudente dizer a aula de vida e de samba, tem início na cadência da música, na cadência do Riachão.

Riachão é um dos grandes nomes do samba no Brasil. Teve sua vida inteira dedicada à música e à cultura popular. Foi responsável por democratizar o ritmo hoje considerado símbolo nacional. De origem humilde e hábitos simples, soube, como ninguém, transpor para as suas músicas toda a complexidade da vida cotidiana das pessoas humildes, tornando-se um dos maiores cronistas de seu tempo. Faleceu em 30 de março de 2020, mas continuará vivo em cada roda de samba, em todo batuque feito mundo a fora.

Aqui, deixamos o registro da alma de Riachão, materializada em suas palavras, mas, também, por meio dos links, eternizamos sua voz, seu sorriso e sua imagem.

João: Bom, primeiro quero dizer que é uma hora estar aqui ao lado de Riachão, cuja história se confunde com a história do samba no Brasil. Não se pode falar de samba sem relacionar a Riachão. A primeira pergunta que quero fazer ao Senhor é: quando o Clementino virou Riachão?

Riachão: Olha é o seguinte, essa palavra Riachão, sempre a imprensa me faz essa pergunta, isso vem desde criança, porque minha família é de Santo Amaro, meus pais meus avós, e naquele tempo lá em Santo Amaro tinha esse dizer Riachão, quando a pessoa brigava muito, dos homens valentes, então colocava esse nome nele, e eu sou da família de santo-amarense, eu nasci aqui onde vocês estão (*refere-se a sua casa no bairro do Garcia, em Salvador*). Eu sempre fui um menino que gostei de respeitar aos mais velhos, mas os outros meninos quando não queriam atender as diretrizes do respeito, eu aí brigava com eles, eu queria que eles respeitassem. Estávamos brincando e quando aparecia um mais velho acabava a brincadeira, ficava todo muito quieto até os mais velhos passar, quando passava voltamos a brincadeira, quando tinha um menino que não atendia eu aí brigava com ele (*risos*). Houve uma ocasião que aconteceu isso, mas a mãezinha dele, quando viu eu brigando com ele, veio para despartar aquela briga, aí foi nessa hora que ela falou com o menino dela: - *Eu não quero que você brigue com ele, esse menino é um valentão, um Riachão (mudando a voz, risos)*. Houve esse momento e isso ficou na minha mente, porque o menino que briga tem esse nome, por causa do povo santo-amarense que brigava muito, isso ficou na minha mente. Quando eu cresci, que me tornei rapaz, me meti nessa vida artística, todo artista tinha seu nome, seu apelido, seu negócio, então eu resolvi botar meu nome artístico Riachão, eu e lembrei dessa história, da senhora que gritou “- esse menino é um Riachão”; eu cheguei e botei Riachão apesar que hoje, eu fico assim, quando eu me lembro que coloquei por causa de barulho, eu não, eu fico assim, quer dizer pra mim. Eu queria que fosse Riachão se eu soubesse nadar, eu nadasse muito, então tinha esse apelido de Riachão. Riachão é água, então eu nadando muito aí colocaram esse nome de Riachão, mas me colocaram por causa de barulho. Eu odeio mau

trato, não quero saber de tristeza, de aborrecimento, de maltratar outras pessoas, que eu vivo pedindo a Deus o máximo de amor e carinho entre nós aqui. Aí quando lembro, que Riachão era por causa de barulho, eu falo: - *Ah meu Deus, por que eu botei esse nome Riachão?* (voz ao fundo, de Jacson: “Se era brigão mesmo!) (*risos*). Não gosto de saber de tristeza nem de barulho, quero saber de amor, de carinho, então quando fala de Riachão eu me lembro, apesar do negócio da música, eu me lembro do passado, é somente por causa disso.

Link 1 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=-TNPpUBpIU>

João: Quando foi que o Samba entrou na sua vida?

Riachão: Eu acredito, e digo a você que eu nasci, parece que eu nasci cantando, eu tenho a impressão que eu nasci cantando. Não é por nada não, quando eu nasci, a velha, aparadeira naquela época se chamava aparadeira, ela virou e disse para minha mãe: - Maria, esse menino é diferente. Mais tarde minha mãe contou isso pra mim. Quando a gente cresce, a gente fica analisando as coisas. Por que a aparadeira disse pra minha mãe que eu era um menino diferente, se eu tenho braço, perna igual aos outros? Por que ela disse: - Maria, esse menino é diferente? Então, eu faço a brincadeira que, eu acho que nasci foi cantando, eu gosto muito de alegria, minha vida é cantar, eu digo que tenho a impressão que quando eu nasci, eu disse qualquer nota musical que foi uma coisa estranha para a aparadeira, aí eu faço a brincadeira com meu samba que eu tenho, maior samba que eu gosto, *Somente ela*, que eu acho que eu nasci cantando, “*Somente ela, tô com ela a minha vida*” (cantando). Então, a aparadeira disse: “- *Maria, esse menino é diferente*”.

João: Eu já ia perguntar sobre samba, nem sempre o samba que o intérprete mais gosta faz mais sucesso, né! O senhor tem sambas que foram gravados por Cássia Eller, por Gilberto Gil, Caetano, eles escolheram um samba seu quando eles voltaram para o Brasil do exílio. Eles entraram cantando “*Xô Xuá, cada macaco no seu galho*”.

Riachão: Essa história foi o seguinte, Caetano e Gil, eu não sei o que teve aqui, por que eles foram exilados, houve qualquer coisa na vida deles e eles foram exilados, ficaram fora do Brasil não sei quanto tempo, e quando eles voltaram, terminou a pena deles, eles queriam voltar à vida deles aqui. Então o que eles fizeram: resolveram vir para a Bahia para fazer uma reunião aqui na Bahia para ver a música que eles se agradavam de acordo com a situação deles com a chegada para retornar a vida artísticas. Foram convidados aqui na Bahia vários colegas e eu não fui avisado, tem essa passagem na minha vida, Caetano Veloso e Gil pediram para chamar os artistas todos, seja quem quiser que seja, não convidou Riachão, convidou outros colegas, mas a Riachão não convidou; resultado, houve uma outra pessoa que Caetano e Gil disse: “- *Por que Riachão não veio?*” Aí alguém foi me procurar, *Eu disse: - Não recebi o convite, eu não fui por isso.*

Aí a pessoa que eu não me lembro mais, foi uma pessoa outra sabendo dessa história, por que Caetano Riachão não veio, por que Riachão não veio, ele não fez o convite para todos os artistas irem? Eles queriam uma música para reentrar no país com sua vida artística, o caso era esse. Foi por isso que ele fez, pegou essa pessoa, que era gente dele, que eu não me lembro mais, para fazer o convite a todos os artistas, só que essa pessoa não teve interesse em convidar Riachão, todos outros foram, aí Caetano perguntou por que Riachão não veio, eu sei que ficou a responsabilidade de vim convidar Riachão, então ficou acertado esse dia pra eu ir, então eu fui, tomei umas cachaças, era até no Rio Vermelho a morada deles naquele tempo. Quando eu cheguei lá, me receberam na porta onde eles moravam e eu não conhecia eles, nem Caetano e nem a Gil, eles me conheciam, mas eu não conhecia eles. E quando eu cheguei na porta eles me receberam,

e com muita alegria abracei eles e eles me abraçaram, “Vamos entrar”. E foi nesse salão, tinha ele e uma comissão do Rio de Janeiro que veio para assistir esse acontecimento das músicas para ver qual a música que iria tirar para a reentrada deles no Brasil. Então, o que aconteceu, “Vamos cantar”. Eles pegaram, me lembro agora, um violão... Aí iniciei, cantei várias músicas, não me lembro agora, entre essas músicas que estava cantando, aí cantei essa, quando eu cantei essa, *Cada macaco o seu galho*: “Xô xuí, cada macaco no seu galho, xô xuí, eu não me canso de falar, xô xuí, o meu galho é na Bahia, xô xuí, o seu é em outro lugar. Ê! Não se aborreça moço da cabeça grande, você vem não sei de onde, fica aqui não vai pra lá. Esse negócio da Mãe Preta ser leiteira, já encheu sua mamadeira, vá mamar em outro lugar, Xô xuí, cada macaco... (cantando). Quando eu estou cantando assim, meu grande amigo, a comissão do Rio de Janeiro, que estava ali pra julgar toda música que cantasse para ser a entrada de Caetano, quando eu estou cantando, querido amigo, a comissão gritou: - *É essa, malandro, é essa e não tem outra*; e os colegas tinham acabado dias antes, e eu não fui porque não tinha sido convidado, quando fui eu, eu cantei sozinho. E quando eu cantei essa música “Xô Xuá cada macaco no seu galho”, a comissão sentiu o drama, eu só ouvi a comissão gritar é essa... (cantando) resultado: terminou aí, alegria muita satisfação e eles escolheram essa música para reentrar nos pais e na sua vida artística Caetano Veloso, a história foi essa.

Link 2 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=vCptvGPXnG8>

João: Mas é a sua música preferida? Das suas composições, assim, “Cada macaco no seu galho” é mais conhecida...

Riachão: É a mais conhecida, todo mundo canta “Xô Xuá cada macaco no seu galho”.

João: Das suas músicas, qual a que o Senhor mais gosta?

Riachão: É a mais conhecida, “Cada macaco no seu galho”. Da música que eu gosto, eu sempre falo: “Somente ela” é a música, meu Deus, é porque eu gosto muito de Deus e da mulher. A mulher para mim é o ponto da minha felicidade depois de Deus. Eu tenho um dizer: *se não fosse a mulher e Deus eu não estaria aqui*. Eu tenho esse dizer, Jesus me mandou essa música porque eu não me preocupo em fazer nada, Jesus que me manda, vem no ar, então veio essa música assim: *Somente ela, se estou com ela, minha vida é um paraíso. Somente ela, se estou sem ela desassossega o meu juízo. Ô meu Deus! Somente ela, se estou com ela, minha vida é um paraíso. Somente ela, se estou sem ela desassossega o meu juízo. E agora? De manhã é ela, meio-dia é ela, de tarde é ela, de noite é ela, madrugada é ela. Amanhece o dia, eu e ela, ô meu Deus!* (cantando). Então hoje, amigo, quando eu sinto assim o ambiente musical das minhas composições, eu digo que essa é a maior música minha. Então eu tenho “Somente ela”, essa música como a melhor de todo o meu repertório.

Link 3 – áudio: https://www.youtube.com/watch?v=9seIV_PXfk

João: Em qualquer ambiente de samba, Riachão é conhecido, não só aqui na Bahia, eu já conversei com pessoas de São Paulo, todo mundo que é do samba ou que entende de música sabe quem é Riachão. Isso deve ser muito honroso, é um reconhecimento de anos de trabalho, de profissão de dedicação, ter as músicas regravadas por outros cantores; quando se fala de Riachão, as pessoas citam como um dos grandes nomes e um sustentador do samba, que é a cara do Brasil. Mas a música está caminhando hoje para um lado, onde as letras estão sem a mesma qualidade, as pessoas não estão

tendo mais preocupação em fazer boas composições. Eu não sei como o senhor vê isso hoje.

Riachão: Eu vejo muitas composições. Só que tem uma parte da humanidade que gosta das coisas perfeitas, as orações bonitas, mas tem outra parte da humanidade que abraça as composições que estão aí. Então como o mundo é de Deus, Deus fez para todo mundo viver, então; o que eu vou dizer? Eu não vou condenar não, eu não condeno quem gosta da composição deles, gosta da composição deles; agora quem gosta da minha composição, então gosta da minha composição. Eu não digo nada sobre as composições que estão aí. Quem vai julgar é o povo. E as pessoas que vão ouvir e que gostam e não gostam; agora eu mesmo, aqui pra mim, tá tudo bem o que eles estão fazendo, cantando, não tenho nada a dizer. Espero que o senhor esteja me entendendo, não tenho nada a dizer, quem me julga é Deus e o povo, quem gosta da minha música fico feliz, agradeço e peço a Deus por eles. Mas não vou condenar, eu não condeno as músicas das composições que estão por aí.

João: Qualquer show, espetáculo de samba, tem um momento em que o grupo ou o cantor vai fazer samba de roda, e aí Riachão é sempre presente e o público mais jovem conhece as letras, canta e dança junto. A música de Riachão se renova e vai alcançando novos públicos com o passar dos anos, isso é algo muito interessante. Alguns cantores fazem sucesso muito grande em uma época e depois desaparecem, Riachão continua sendo tocado, as composições continuam sendo tocadas, os jovens conhecem a música de Riachão, cantam, dançam a música de Riachão nas festas de largos, nas festas fechadas. estamos vivendo uma época em que o samba não toca tanto, com antigamente, hoje temos outros ritmos tocam muito mais que samba na rádio, mas quando toca, o Riachão está presente.

Riachão: Eu agradeço a Deus e às pessoas que gostam da minha composição, eu não pego a caneta pra fazer nada, é Jesus que manda, ela entra na minha mente aí eu canto. Contando parece mentira, eu não pego caneta para fazer minhas músicas, ai Jesus manda a música como “A baleia”, “A tartaruga 70”.

“A tartaruga 70” foi porque uma tartaruga dos Estados Unidos entrou aqui no Brasil, veio pra água nossa da Bahia e foi pegada ali depois da Ribeira, em Paripe. Ali que o pescador pegou a tartaruga, era uma tartaruga imensa. Foi um movimento aqui na Bahia, quando pegou essa tartaruga, só que essa tartaruga tinha as iniciais do EUA. Quando o pescador pegou ela, que viu isso, teve que levar ao conhecimento do governo e ela foi levada para Ondina onde tem os negócios dos bichos (referindo-se ao Jardim Zoológico), então foi mais uma música de Riachão.

Foi a onça, foi aquele caso da Ondina, a onça fugiu, não foi brincadeira. A onça fugiu e eu fui com os colegas na Ondina, quando eu tô ali conversando, só vi foi nego gritando: “- Olha a onça ali”. Quer dizer, eu vi isso, foi o que Deus fez, me mandou a música: “*Olha a onça aí, olha a onça aí, olha a onça aí, bicha danada vai pular em ti. Olha a onça aí, olha a onça aí, olha a onça aí, bicha danada vai pular em ti. Eu vou contar o que aconteceu, o azar foi meu quando eu fui passear lá na Ondina, vi muita menina se rebolando pra lá e pra cá. Estava com um amigo, não vi o perigo, ouvi o gemido, ela estava ali. Eu vi um vulto, tomei um susto, quando a turma gritou: - Olha a onça aí!* (cantando).

Tudo que acontecia, Jesus que me dava uma luz, olha, eu contei 500 e poucas músicas, minha amiga, não é brincadeira não. Na década de trinta, eu contei 500 e poucas músicas, eu cantava no rádio, naquele bom tempo. E aí, eu nunca me preocupei, foi Jesus que me dava e tudo que acontece, Jesus Cristo manda.

Link 4 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=3i3cfQZpAKg>

Lise: Como foi que o senhor escreveu a primeira música, o senhor lembra?

Riachão: A primeira música é.... a primeira música foi qual, Jesus Cristo?

Jacson: Por que o senhor escreveu a primeira música? Por que o senhor resolveu escrever?

Riachão: Foi a coisa que Deus me deu foi isso, pera aí que me lembro já, eu só cantava as músicas do Rio, naquele bom tempo, era juvenzinho, eu ouvia música do Rio de Janeiro. A pobreza naquele tempo não tinha condição de cada um ter sua vitrola; então, o pobre que tinha uma vitrola era maravilhoso, era rico, essa era a verdade. E eu era criança dentro dessa roça, que tinha um inquilino que tinha uma vitrola, eu ficava lá ouvido a música do Rio de Janeiro. Aí fiquei assim, fui crescendo, me lembro bem, que uma das músicas que eu ouvi na vitrola dizia..... Oh meu Deus, a primeira não era minha não, as músicas que eu escutava e cantava nos aniversários, aqui na roça porque papai tinha a casinha de aluguel, na pobreza e a única alegria que tinha era os aniversários.

Agora quero contar pra vocês a história de como surgiu a primeira música: eu trabalhava de alfaiate no terreiro com Spinelli Pai. Não sei se vocês já ouviram falar em Spinneli Filho - Spinelli Pai. Spinelli Filho é na Rua Chile, Spinelli pai tinha uma alfaiataria no terreiro, e ele mandava comprar tecido de alfaiate na Misericórdia. O nosso fórum, naquele tempo, era ali na Misericórdia. Defrente do fórum, tinha um bocado de casa que vendia o material de alfaiate. Então, eu fui comprar material de alfaiate. Quando eu vou passando, eu vi um pedaço, eu não tive escola, você vê como Deus é uma maravilha pra mim, eu vi um pedaço de revista no chão, eu vi quando fui comprar o material de alfaiate, e quando eu vi aquele pedaço de revista aí peguei e aí estava escrito: “*Se o Rio não escrever a Bahia não canta*”.

Eu vi aquilo nesse pedaço de revista que eu encontrei no chão, eu vi aquilo, minha vida era cantar as músicas do Rio, aquilo ficou na minha mente: “*Se o Rio não escrever a Bahia não canta*”, quem é a Bahia? A Bahia sou eu, eu sou baiano! Aquilo ficou na minha mente. Aí fui comprei o material, hoje eu sinto a falta de inteligência em não guardar aquela revista. Não era pra jogar aquele pedaço de revista fora. Aí fui, comprei o material, fui pra oficina, trabalhei e fiquei com aquilo na mente. Fui pra casa, com aquilo na mente, “*Se o Rio não escrever a Bahia não canta*”. Quando chega de manhã, meu amigo! Olha o que Deus me deu: *Eu sei que sou malandro, eu sei, conheço meu proceder.* (cantando). A primeira música que deus me deu.

Link 5 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=ICc wdRY2Dt0>

João: E como era fazer samba naquela época em que o senhor começou?

Riachão: Era improvisado, tinha até um nome que se empregava, não tinha a música direta, o direto só era a primeira parte, a segurança, mas a segunda parte tinha os versos. É por isso que tinha as batucadas e os malandros entravam em discussão, e diziam um verso para o outro (*voz ao fundo de Jacson - improvisava*) para ver quem ganhava e quem não ganhava, é um desafio.

João: Um desafio, uma disputa.

Riachão: Era assim a primeira parte, e o segundo é em verso, aquele era o ambiente da música. Então minha primeira música foi essa: “E sei que sou malandro”.

João: E mostrou que baiano não cantava só aquilo o que o Rio escrevia.

Jacson: Isso em 32/33 (1932/1933).

João: “Vai morar com o diabo” é uma música muito conhecida, a Cássia Eller gravou também, inclusive ela fala ao final da música a autoria.

Riachão: Essa música é minha, “Vai morar com o diabo”, mas eu não gosto dela, não.

João: Por quê?

Riachão: Não gosto dela, eu disse a Jô Soares lá no Rio de Janeiro, no programa dele, essa música estava em grande sucesso em todo o país. Jô Soares, que eu fui no programa dele, então ele virou pra mim e disse: “- *Riachão quero que você me explique a razão do porquê dessa música, que tá em grande sucesso, você que gosta tanto das mulheres, as mulheres gostam muito de você, todos nós gostamos de você. Quero que você me explique a razão dessa música.*” Porque ele me fez essa pergunta. Ele sabendo que eu gosto tanto das mulheres, porque eu mandei a mulher morar com o diabo. (Risos)

João: “Vai morar como o diabo que é imortal”, está na letra da música.

Riachão: Então eu virei pra ele e disse, a música é minha, está no coração do povo, mas eu não gosto dela, porque a mulher não merece que se mande ela ir morar com diabo. Vou lhe contar a história de como nasceu essa música, estava eu e uns amigos tomando cachaça e teve uma hora que um deles me puxou para o lado de fora e começou a me contar a história dele e da nega dele, e que ela não queria lavar, não queria cozinhar, não queria isso, não queria aquilo, no fim do bate-papo dele, ele disse: “- *Ah, quem é que guenta com isso. Vá morar com o diabo!*” Eu escutando com muita educação. Quando ele foi embora, aí Jesus me mandou a música “Vai morar com o diabo “. Foi ele que criou essa palavra horrível, esse amigo que estava tomando cachaça comigo lá do bar da esquina: *Ai meu Deus, ai meu Deus o que é que há...* (cantando) A mulher merece todo amor e carinho, foi quando cantei pra ele (referindo-se a Jô Soares): *Eu gosto dela, amigo pode crer, amo bastante, tenho o maior prazer. Não amo outra, sei que está com a razão, meu coração faz tudo pra não te perder. Eu gosto dela demais, ela que faz tudo pra mim. Mulher assim desse jeito nunca devia ter fim, eu agradeço ao meu Deus o que ele arranhou pra mim, mandou uma rosa tão linda perfeita no meu jardim, meu jardim* (cantando). Eu cantei essa e mais duas música pra Jô Soares e disse que essas, sim, são músicas que eu gosto, “Vá morar com o diabo” não (risos), a mulher não merece uma palavra dessa.

Link 6 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=qcQTcfAANxk>

João: O Riachão é conhecido pelas músicas e pela maneira como se veste, a roupa, a calça sempre muito bem alinhada. O Riachão virou personagem da literatura e esse ano Vânia Abreu escreveu o livro **Eu e meu lugar**, quando Riachão vira o protagonista de um texto que vai contar a sua história e a história do Bairro do Garcia, vai passar pela sua infância e pelas festas juninas.

Riachão: que Deus abençoe a vida de vocês, eu oro muito por todos vocês, adoro todos vocês.

Lise: E a mãe do senhor foi uma pessoa muito linda, muito conhecida, você poderia falar sobre ela?

Riachão - Beleza, pega o retrato dela, tá aí no quarto (direcionando-se a Jacson). Eu me lembro bem que o amor que eu tinha por minha mãe e meu pai, hoje estou chorando e pedindo, hoje estou pedindo a um menino aí para fazer a foto do meu pai, ele tá por aí em Santo Amaro. Eu queria que ele estivesse aqui comigo, assim com minha mãe está.

Jacson: Maria Estefânia Rodrigues.

Riachão: Aí, por causa dela, chega o dia da mamãe, cantava muito essa música no rádio: *“Oh minha mãe querida, mãezinha do coração, vou lhe ofertar uma corbélia florida de rosa branca em botão. Larilalá. Oh minha mãe querida, mãezinha do coração, vou lhe ofertar uma corbélia florida de rosa branca em botão. Salve esse dia, dia tão feliz, dia da mamãe que assim Deus quis. Também já foi filhinha, hoje é minha mãezinha, por isso eu lhe ofereço um corbélia tão bonitinha. Oh meu Deus!”* (cantando). No dia da mamãe, que a rádio fazia aquele programa, eu cantava essa música. Quer dizer, todas as minhas composições são baseadas em nosso dia a dia, nossa vida.

João: Acho que é por isso que gostamos tanto, porque a gente se reconhece.

Riachão: O dia a dia, a gente se vê na história, a gente vê o retrato da Bahia: *Quem chega na Praça Cayru, olha pra cima o que é que vê? Vê o Elevador Lacerda, que vive a subir e a descer. É o retrato fiel da Bahia, baianinha vendendo alegria, coisinha gostosa de dendê. Lá na rampa do mercado, saveirinho abarrotado, muito fruto, em bom bocado, tudo bom para se comer. É o retrato fiel da Bahia, baianinha vendendo alegria, coisinha gostosa de dendê.* (cantando). Sabe quantas baianas tinha? 8 de um lado, 8 do outro e a porta do elevador no meio. Então, isso caiu no coração da Bahia e do Brasil, a realidade, o Elevador Lacerda.

Link 7 – áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=mqzrS5G3258>

Lise: A mãezinha do senhor ela fazia parte de um terreiro...

Riachão: Quando ela foi para o candomblé, nunca mais ela cuidou da gente, nunca mais essa beleza de mãe cuidou da gente. Tem uma passagem da minha vida, ali na Língua de Vaca, que eu ia para o candomblé também. Crianzinha inocente, minha mãe ia, eu ia também. Sabe o que aconteceu? Não tem um santo aí? Acho que é São Lázaro...

João: São Lázaro.

Riachão: São Lázaro, que o pessoal do candomblé falava muito. No meu corpo, apareceu essa doença, todo igual a São Lázaro, meu corpo todo em ferida. Eu me lembro que uma vizinha me viu criança, Dona Ida, eu não me esqueço disso, ela olhava pra mim e dizia. *“- Coitado, você está como corpo de Senhor São Lázaro. Você põe a folha, vá pra casa e pegue a folha, toma um banho com essa folha, coitado!”* Eu não me lembro mais qual a folha. Então, depois que minha mãe abandonou a casa e foi para o candomblé, aconteceu isso. Eu era a criança que ela me dava banho pequenininho, era um amorzinho dela para comigo, dos outros filhos. Coitada ela, se meteu dentro no candomblé e perdeu o amor de seus filhos, quem está lhe dizendo do isso sou eu, ela perdeu o amor.

Lise: E como foi que o senhor se curou? Não foi com as folhas, não?

Riachão: Foi com as folhas, com as folhas que Dona Ida me ensinou. Eu comecei a tomar o banho com essas folhas e saiu tudo do corpo, mas eu tô lhe dizendo o ponto alto do corpo como ficou e eu não tinha mais ela para cuidar de mim, me dar banho, ela não saía mais do candomblé, ela não sai mais, preferia mais o candomblé que a casa dela, os filhos ficaram abandonados. Meu pai seguiu a mesma coisa dela, ah ele gostava muito, até eu também ia, eu gostava muito do candomblé.

Jacson: Era aí embaixo?

Riachão: Era lá embaixo, a dona do candomblé era mãe de santo, A mãe de santo, tô esquecendo o nome dela, eu também na inocência eu ia, aí fui crescendo lá dentro do candomblé, eu tocava o negócio.

Lise: Os toques de lá, o Senhor não acha que influenciou um pouquinho, esse negócio com a música?

Riachão: eu digo que, eu digo que a influência da música já foi dada da natureza.

Lise: Quando o senhor nasceu, o senhor contou.

Riachão: Da natureza minha, nasci com esse dom de cantar, tocar, jogar capoeira, tudo isso eu crescendo, desde pequenininho desde criança, desde os 9 anos de idade. Eu estava dentro dessa roça, cantando, jogando capoeira, o que eu sinto da parte dela foi isso. Amo ela de todo meu coração, oro por ela, mas teve essa parte, coitadinha, a inocência, acompanhou outra amiga, o que sinto foi que ela desprezou a gente e depois Deus levou ela, pois morreu moderna.

Jacson: Ela tinha quantos anos quando morreu?

Riachão: 60 e poucos anos.

Jacson: Morreu moderna.

Riachão: Jovem.

Jacson: E a Roça, tio, cadê? Conta para eles, tio, da roça que o senhor desce para cuidar, por isso que o senhor tá firme e forte, conta aí para eles que o senhor desce para cuidar todos os dias, para cuidar das galinhas.

João: O senhor tem uma Roça?

Riachão: A roça (risos). Quer dizer, tem um terreno pouco, é que você não chegou de dia. Tudo isso aqui era terra, papai plantava, a minha vida era com ele, com meu pai. Nós aqui plantávamos muito aipim, muita banana, só vocês vendo, era uma beleza minha vida com meu pai, agora que se você chegar só tem casa. Eu agora só fico no terreno da casa matado a saudade, fico o dia todo criando galinha. Já crie um bocado de bicho, eu criei pato, hoje eu não crio mais, até porco eu criei aqui, não crio mais.

Jacson: Todo dia de manhã ele vai e desce (refere-se a uma escada que dá acesso ao quintal).

Riachão: Todo dia.

Jacson: É todo um ritual.

João: E como é o seu cotidiano? O que faz o Riachão quando não está fazendo show, dando entrevista?

Riachão: Eu tento fazer tudo, meu grande amigo, mas tenho dificuldades pra caminhar. Mas isso foi trabalho feito.

João: Como assim?

Riachão: Tudo porque aceitei um convite, na inocência, de uma mulher que não conhecia.

João: O senhor pode falar sobre isso?

Riachão: A mulher veio aqui, eu estava na roça, ela apareceu aí, me procurando. Eu não me lembro a cara dessa mulher, não me lembro a cara dela, eu sinto uma dor por causa disso, não lembro a cara dela, ela não era alta, não era morena nem branca, mais ou menos a cor dele (referindo-se a mim) era a cor dela. Ela disse que o italiano queria me conhecer, que bobagem dessa de não conhecer a pessoa e aceitar o convite, mas eu vivo sem maldade, minha vida é alegria e, como digo no samba, é pra a alegria é comigo mesmo. Aí eu fui, ela não me disse que tinha convidado mais colegas. Para meu sofrimento, eu fui tirar minha conclusão que ela era uma mulher de maldade, tanto ela como os colegas delas, a casa estava assim cheia de colegas dela. Quando eu cheguei, aí eu fui mais com minha esposa e meu netinho e aí, quando cheguei lá, negócio do avião, é aquele bairro do avião?

João: São Cristóvão.

Riachão: São Cristóvão. Que ela morava mais ele. E quando eu cheguei lá, a casa estava cheia de colega. Como meu caso é alegria, eu nunca ia pensar em tristeza, eita que foi um abraço coisa e tal, conheci o italiano e aí haja música, haja samba, comes e bebes, mas como o caso dela era para me destruir, mais os colegas delas que eram pactuados, eu

comi e bebi sem maldade, “as pamonhas” estavam na comida, mas Deus é uma maravilha, não era pra eu tá vivo. Deus é uma maravilha!

Jacson: Deus é bom demais.

Riachão: Quando eu me despedi, comi e bebi, pinteí o 7. Aí quando terminou, quem tinha carro foram nos seus carros, quem não tinha, o italiano levou tipo numa marinete pequena. Como é o nome? Para levar os malandros?

Jacson: Uma van.

Riachão: Para levar os malandros que não tinham carro. Aí minha nega conta que eu não vi nada, que eu não vi nada, da hora que me despedi dela mais dele, desde a hora que saí da casa dele e botei o pé no carro. Quando eu botei o pé no carro, tô contando o que a nega me contou, só lembro da hora que eu cheguei perto do carro, eu botei o pé no carro, comecei aí vomitar. Tem esse segredo que quando é bruxaria, Deus determina que a pessoa vomite e foi o que aconteceu com esse malandro aqui. A nega diz que eu vomitei o carro todo, sujei o carro todo e a nega ficou doidinha com meu neto, sem saber o que fazer. Aí eles tiveram a ideia para me levar para um posto de saúde. Quando chegou lá, ela me contou o que eu estava passando. Aí o médico Disse: - *Cadê o plano dele?* Nessa época, eu não tinha plano. - *Cadê o plano dele?* Aí minha nega disse que eu não tinha plano e o médico disse que não podia atender. Eu acho isso um abusado desse país. Vocês, que são professores, têm que se unir para consertar esse erro do governo.

Jacson: E a cada dia está pior.

Riachão: *Cadê o plano dele?* Aí minha nega me conta que resolveram me levar em outro posto. Quando chega no outro posto foi mesma coisa, sem plano não pode atender. oh pra isso! Dois postos médicos. Então, minha nega disse para os colegas que estavam dentro do carro que não ia me levar ele mais pra lugar nenhum, ela falou com o motorista que ia me levar pra casa. Na época, eu não morava nessa casa, era lá embaixo. Eu só vim saber que estava vivo no outro dia, que ela fez chá de umas folhas aí e me deu, junto com Deus orando que eu amanheci vivo. Mas a sequela ficou; desde 2007 a sequela tá aqui. Se vocês não conhecerem a pessoa que está lhe convidando não vá não. Eu tô sofrendo aqui.

João: O senhor está forte, sobe e desce escadas todos dias.

Lise: E nesse CD **Mundão Ouro**, tem alguma música atual, inédita?

Jacson: Nesse aqui, a gente escolheu músicas que ainda não foram gravadas, umas inéditas de escolha dele. Ele tem muita música inédita, né, tio, 500 músicas.

Riachão: 500 e poucas músicas não é brincadeira, se contar músicas em movimento não chega nem no que eu tinha, e nem me lembro mais também, das músicas que eu cantava, não me lembro mais das músicas que eu cantava. Primeiro teve um incêndio na Rádio sociedade da Bahia, que era no Comércio. Mas quando foi contratado o diretor Antônio Maria, que era de Pernambuco, ele fez uma pesquisa aqui na Bahia e colocou a rádio, que era no Comércio, na Rua Carlos Gomes, mas era uma casa tão velha, a fiação era velha, esse negócio todo custou um incêndio, e era nesse quarto que ficavam os artistas, as cópias das minhas músicas, perdi tudo no incêndio, só você vendo.

Jacson: O programa era ao vivo.

Riachão: A velha casa pegou fogo, só você vendo. Queimou, não só minha, mas dos colegas. Mas já eram 500 e pouca músicas.

Lise: A Bahia passou o Rio de Janeiro, fez mais música só com essas 500 e poucas músicas.

Riachão: Ah se eu me lembrasse dessas músicas todas.

João: Esse ano Riachão faz 96 anos, e qual o segredo para essa vitalidade?

Riachão - É Deus, foi ele que me colocou aqui através de meu pai e minha mãe.

Jacson: Eu acho que a banana, eu acho que é a banana que o senhor come todo dia no quintal.

Riachão Eu fui um guloso.

Jacson: Foi? Por que tá no passado? (Risos)

Riachão Eu fui um guloso. Não é brincadeira não. Fui o maior cachaceiro dessa terra. (Risos) Tanto comia quanto bebia cachaça, contando parece mentira. Eu não tenho como agradecer a Deus pela vida, de tanta cachaça que eu bebi em Santo Amaro.

João: E eu não tenho como agradecer ao senhor por essa oportunidade de estar em sua casa, nesse bate-papo, rindo, aprendendo. Antes de mais nada, sou seu fã e admirador de sua obra. Obrigado à Lise e a Jacson, que me proporcionaram esse momento.

Riachão: A alegria foi minha em receber vocês. E já estão convidados para meu aniversário, que sempre tem festa aqui. É 14 de novembro, quando vou fazer 96 anos. Quero contar com vocês aqui.

Link 8 – vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=0VvGT9an62w>

Finalizamos a entrevista, Riachão autografou o CD e fomos conhecer a casa e o seu quintal, partes de seu cotidiano, espaço de suas composições e lugar de morada dessa alma jovem e alegre, como o samba.